

OS GÊNEROS LITERÁRIOS NO SÉCULO XIX: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

GÓIS, Lucimeire
lucimeire.gois@yahoo.com.br

LIMA, Lucileide de Melo
letras_luci@yahoo.com.br

GALLY, Christianne de M. (Orientadora).
Graduada em Letras Português, Mestre em Educação, Professora Adjunta III do
curso de Letras da Universidade Tiradentes – UNIT.
christianne.gally@gmail.com

Resumo: De que maneira os gêneros literários eram definidos e classificados no século XIX em Sergipe? Quais as características e as funções apresentadas em o “Tratado de língua Vernácula”, escrito por Brício Cardoso em 1874? Quais são as explicações e descrições utilizadas por ele a fim de classificar os gêneros literários? Para responder a essas questões, este artigo se propõe a descrever e a analisar, através da intertextualidade, categoria da Análise do Discurso francesa, o método utilizado por Brício Cardoso na construção dos argumentos para definir, classificar e explicar os gêneros literários a que ele se refere como gêneros de composições poéticas usadas na literatura brasileira.

Palavras-chave: análise do discurso, história das idéias lingüísticas, gêneros literários

OS GÊNEROS LITERÁRIOS NO SÉCULO XIX: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

Como classificar os gêneros literários? De que maneira eles podem ser caracterizados? Essas questões representam o alvo de várias discussões travadas pelos teóricos não só da literatura como da filosofia. Confundia-se com a Retórica, que era a verdadeira Estilística da época. Nessa fase, não foram poucos os que se preocuparam com o assunto, e dentre eles figuras notáveis como Platão, Aristóteles, Horácio, Quintiliano.

Na Idade Média, o interesse diminuiu; quase nada se cogitou sobre a questão. No Renascimento, porém, voltou o entusiasmo: acreditava-se serem os gêneros formas nascidas da natureza e de que os gregos já as haviam realizado perfeitamente. Isto porque na concepção clássica, forma e conteúdo são separáveis, predominando a primeira como elemento fundamental da criação literária. (Cf. TAVARES, 1984). Além disso, havia uma teoria normativa e preceptiva sobre os gêneros, que eram fixos e distintos. Já no século XVIII, a lição dos clássicos começaria a ser destruída por novas e revolucionárias concepções.

Tanto na conceituação como em referência à classificação, não há entre os autores unanimidade em relação aos gêneros. Para Aristóteles são os gêneros formas, conteúdos e atitudes do poeta; para Hegel são princípios de fragmentação da realidade estética; Victor Hugo os considera como expressões de distintas idades; para Ortega y Gasset e Alfonso Reyes constituem funções básicas da estética. E Castagnino: "... a palavra *gênero* se usa com alcances diversos (retóricos, literários propriamente ditos, filosóficos, históricos etc.). Algumas vezes separa três grandes modos de tradução estética: o lírico, o épico, o dramático." (CASTAGNINO apud TAVARES, p. 400).

Para o professor Soares Amora, gênero é “a combinação de um tipo de forma, com um tipo de conteúdo e um tipo de composição.” (AMORA apud TAVARES, 1984, p.144). Observa-se, portanto, que o conceito de gênero não apresenta um denominador comum em relação aos critérios estabelecidos. Para a teoria literária, o gênero são “as diversas modalidades da expressão literária”. (TAVARES, 1984, p.145).

Quanto à classificação, Tavares propõe a divisão dos gêneros em lírico, épico e dramático, e classifica como especiais, o satírico e humorístico, o oratório, o epistolar e o didático. Os gêneros possuem subgêneros, que são variantes do gênero identificadas por uma ou mais características particulares de cada gênero. Ele ainda classifica uma obra literária levando em conta os critérios da forma, conteúdo, composição, das espécies e das formas poéticas. Vale ressaltar que quando certas espécies são classificadas em determinados gêneros, não significa que eles sejam exclusivos daqueles gêneros. (cf. TAVARES, 1984).

Segundo Hênio Tavares, o gênero lírico se distingue pelo seu subjetivismo poético, seja em forma de verso ou de prosa. Na obra lírica, predominam os sentimentos e emoções do autor, o artista reflete a si mesmo, no que Alceu Amoroso Lima chama de “confissão”. (cf. idem). Pertence a esse gênero toda composição expositiva de conteúdo poético-subjetivo, mesmo que ele se apresente contaminado por elementos objetivos, como as descrições e as narrações. O gênero épico é o gênero em que se combinam forma em prosa ou verso, conteúdo objetivo ou objetivo-subjetivo, composição expositivo representativa (mista). Esse gênero tem por método fundamental a narração. O gênero dramático é o gênero representativo ou figurativo. Sua forma é em prosa ou verso, o conteúdo é objetivo ou objetivo-subjetivo, sua composição é representativa.

A questão, portanto, da definição e classificação dos gêneros não é tarefa fácil. Conforme Silva (1983), além de ser uma das questões mais controversas, o problema dos gêneros literários está relacionada com problemas de ordem ontológica e epistemológica, uma vez que implica noções da existência de universais e a sua natureza; da distinção e da correlação categoriais entre o geral e o particular; da interação de fatores lógico-invariantes e de fatores histórico-sociais nos processos de individuação; dos fundamentos e critérios das operações classificativas, etc. Neste artigo, porém, não discutiremos esses problemas, já que temos em vista outro aspecto, o da intertextualidade.

No campo da literatura, os debates encontram-se ligados, como vimos anteriormente, a conceitos como os de “tradição e mudanças literárias, imitação e originalidade, modelos, regras e liberdade criadora e à correlação entre estruturas estilístico-formais e estruturas semânticas e temáticas, entre classes de textos e classes de leitores, etc”. (SILVA, 1983, p.340).

Mas, a teoria literária também estava presente nas gramáticas do século XIX. Em Sergipe, por exemplo, Brício Cardoso escreveu uma gramática dedicada aos seus alunos do ensino primário e do ensino secundário em 1874.

Brício Cardoso, gramático sergipano no século XIX

Exímio professor do século XIX, comprometido com o ensino e interessado em inculcar o conhecimento na mente de seus alunos, Brício Maurício de Azevedo Cardoso, não somente foi um proeminente intelectual da sua época como também pertenceu a uma ilustre família do Estado de Sergipe.

Nascido a 09 de julho de 1844, na cidade de Estância, cresceu em uma família voltada para a religião, à educação e a política. Filho de Joaquim Maurício Cardoso, advogado em Estância, professor de matemática, geografia, latim, retórica, poética e fundador de uma escola de direito, e de D. Joanna Baptista de Azevedo Cardoso, irmã de Manoel Luiz de Azevedo, secretário da prefeitura de Aracaju e dos cônegos José Luiz de Azevedo e Antonio Luiz de Azevedo.

Além de seu pai e tios que estavam inseridos no contexto político e educacional, também fazia parte desse, o seu irmão, Melchisedeck Matusalém Cardoso, desembargador no tribunal de Apelação no Rio Grande do Sul e lente na Faculdade de Direito de Porto Alegre, e seu outro irmão, Severiano Mauricio Cardoso, foi escriturário professor do “Colégio Atheneu Sergipense”, secretário da Instituição Pública. (cf. GALLY, 2004).

Também foi referência no ensino em Sergipe, seu primo, o professor Manoel Luiz de Azevedo Cardoso, diretor da Instrução Pública e responsável pela criação do Atheneu Sergipense em 1870, e ainda seu sobrinho, o professor José de Alencar Cardoso, proprietário do Colégio Tobias Barreto, um dos colégios mais conceituados pela sociedade da época.

Brício obteve uma boa formação, graças ao seu contexto familiar, alicerçada nos valores morais, na religião e na boa educação. Recebeu as suas primeiras lições de seu pai, e iniciou o seu curso de humanidades na cidade de Estância aos cuidados do tio, o cônego vigário José Luiz de Azevedo Cardoso e dos doutores, Antônio Ribeiro Lima e Galdino Barbosa de Araújo. Porém, foi no “Atheneu Baiano” que terminou seus estudos, onde estudou filosofia com o mestre frei Antônio da Virgem Maria Itaparica.

Foi professor em diversas instituições no estado de Sergipe e Bahia. Em 14 de outubro de 1870 foi nomeado professor público do ensino superior na cidade de

Estância, sendo removido em 1874 para a cadeira de retórica e poética do Colégio Atheneu Sergipense, no qual também ensinou História Universal, História de Sergipe e Gramática da Língua Vernácula. Lecionou nas escolas normais de ambos os sexos, a disciplina de gramática portuguesa, onde exerceu também o cargo de diretor desde 1877, ora remunerado, ora gratuitamente, sendo dispensado em 1879.

Mentor preocupado com seus alunos, gerou discípulos proeminentes e renomados como Laudelino Freire. Para Brício “não bastava para o professor o domínio de sua disciplina, mas ainda, ter método e saber inculcar na mente dos alunos o conhecimento. Para ele, a virtude indispensável a um professor era vocação, sem, contudo, deixar de ser paciente, calmo, polido, perseverante, dentre muitas outras qualidades, pois assim, conseguiria dos alunos o respeito”. (GALLY, 2004, p. 89).

Brício comungava do mesmo pensamento de Varrão, pois para ele a gramática era a ciência, a ciência inicial, a disciplina que precedia a todas as ciências sem a qual não era possível a compreensão e interpretação dos textos. Considerava a gramática o ensino mais importante, visto que “toda ciência se apóia na leitura e entendimento de um texto” (CARDOSO, apud GALLY, 2004, p. 101). “Apesar de sua formação humanística e de ter sido criado num ambiente religioso, não era o latim o conhecimento priorizado por ele, mas sim a gramática, pois essa do seu ponto de vista era mais importante, visto que a tarefa de interpretação de texto só era possível a partir desta. Além de considerar a gramática a ciência inicial, também a considerava a arte por excelência”. (GALLY, 2004, p. 112).

Na época de Brício, era comum a definição de gramática vinculada à literatura, e por causa desse pensamento alguns gramáticos eram considerados literatos em latim “literat”. Esse conceito de gramática se reportar à Grécia, pois Dionísio de Trácia considerava a gramática uma arte.

Brício afirmava que gramática “quer dizer literatura, a arte-ciência de exprimir os pensamentos, quer falando ou escrevendo” (CARDOSO, apud GALLY, 2004, p. 113). Mas a sua definição geral de gramática é que esta é a ciência da linguagem. Ele conceitua distintamente a arte e a ciência. Para ele a arte “era um sistema razoado de operações próprias a produzir um efeito importante à vida, e que se não podia esperar só da natureza” (idem). Já a ciência é definida como “a notícia ou conhecimento exato das cousas humanas”. É a junção dessas que compõe a gramática sendo denominada ciência da linguagem ou ainda arte-ciência.

Para este conceituado professor do século XIX, o aprendizado em qualquer ramo científico preteria o conhecimento da gramática, pois aquele que soubesse falar e escrever estaria apto aprender, a conhecer, a pensar, a querer e a bem sentir, por isso considerava o seu ensino fundamental para a educação no Brasil, pois a inserção numa sociedade está condicionada a escrita, visto que através desta se constituem as oportunidades de formação de caráter.

Sua ênfase no ensino da língua vernácula se dava pelo fato de entender que o aprendizado desta serviria para aprender não só todas as ciências como também aprender o latim com maior facilidade, língua que apesar do declínio ainda era tida como importante na formação clássica, exigida nesse século. E o aprendizado desta por sua vez facilitaria o estudo do grego.

O estudo do português juntamente com essas línguas apontava para um novo rumo nas práticas pedagógicas das línguas modernas e mortas, pois se disseminava nessa época o método histórico-comparativo das línguas.

Por acreditar que a língua evoluía e que a gramática acompanhava esse processo de mudança, Brício afirmava ter a gramática seis fases.

A primeira fase correspondia ao período em que dominava a linguagem natural, isto é, “o mesmo sentimento interior visto por fora do organismo”, a síntese do

pensamento. A segunda fase reverenciava a atividade da reflexão humana “buscando materializar o jogo fisionômico, os gestos e gritos interjetivos, isto é o mesmo pensamento por meio de desenhos”. A terceira e quarta fase, estão vinculadas a contribuição de dois povos distintos, esta faz referência à escritura simbólica dos chineses e aquela corresponde ao uso de hieróglifos inventados pelos egípcios. A quinta fase obteve contribuição dos fenícios e dos cananeus que descobriram a escritura literal ou fonética. Para Brício é nesta fase que a gramática é elevada a ciência, pois até então consistia em uma “arte grosseira”. A sexta fase para ele corresponde ao período de preparação da gramática moderna em que ocorrerá a união do pensamento com a linguagem e a identificação entre a expressão e o pensamento a qual estaria presente na linguagem do cálculo, e que cessaria a morte das línguas. (GALLY, 2004, p. 118).

Mas foi em Jerônimo Soares Barbosa, respeitado gramático do século XIX, que o pensamento sobre gramática de Brício se firmou. Sob os princípios estabelecidos por esse gramático, defendia ser a gramática geral ou particular. A primeira “se ocupa dos universais no arbitrário e a segunda do arbitrário, ou seja, esta é uma arte e aquela uma ciência que tem como objeto os princípios imutáveis e gerais da palavra.

Como, então, Brício classificou, em sua gramática, os gêneros literários? Há uma relação intrínseca entre os seus fundamentos e as discussões travadas no resto do mundo pela teoria literária? Qual a teoria privilegiada por Brício?

Os gêneros textuais na gramática de Brício Cardoso

Brício Cardoso trata dos estudos dos gêneros de composições poéticas usados na literatura brasileira, reduzindo-os em oito: o epigramático, o lírico, o pastoril, o elegíaco, o didático, o descritivo, o épico e o dramático.

O epigramático é o gênero que trata em pequeno número de versos rimados, um assunto sutil ou delicado. Por vezes, adota medidas variadas. Esse gênero subdivide-se em epigrama, soneto, madrigal, décima, fábula.

O Epigrama é a enunciação de um pensamento engenhoso, delicado.

Soneto é uma métrica constante de quatorze versos decassílabos rimados, formando dois quartetos e dois tercetos.

Madrigal é uma métrica que consiste na enunciação de pensamentos ternos sob um molde gracioso e ao mesmo tempo conciso.

Décima é uma forma poética composta de dez versos de redondilha maior.

Fábula é a narrativa de uma ação atribuída a seres irracionais ou inanimados, da qual resultam lições de sabedoria e moral prática. São variantes da fábula: as alegorias ou apólogos, as metamorfoses, os contos, os enigmas, as charadas e os logogrifos.

O **gênero lírico** foi considerado por Brício como aquele cujas composições devem ser feitas para serem acompanhadas de música instrumental. Seu caráter distintivo é o fogo e a vivacidade próprios de seu tom apaixonado, filho de uma emoção forte ou de quadros risonhos e graciosos. Suas principais divisões são: a ode, a canção, a cançoneta, o ditirambo, o epitalâmio, a cantata, a lira, o poemeto e a trova.

A ode é profana ou sagrada. Esta versa sobre os louvores da divindade e divide-se em salmos, hinos e cânticos. Aquela divide-se em pindarica, epodica, saphica, anacreontica e alcaica. A ode pindarica, composta em decassílabos do septenário, canta a heroicidade e divide-se em estrofes, antiestrofes e epodos. A ode epódica é dedicada aos assuntos filosóficos, morais, políticos, artísticos ou científicos. É composta em decassílabos e quase sempre sem rimas. A ode saphica trata de assuntos amorosos.

A ode anacreontica fala dos prazeres físicos, as delícias da vida, em especial as do amor e da boa mesa. A ode alcaica é altiva, forte, sentenciosa e dispostas em quatro versos, uns decassílabos e outros septenários.

Canção é uma espécie lírica dedicada aos desassocegos da alma e as tribulações do amor. Não possui metrificação certa. Cançoneta, por sua vez, é o diminutivo de canção, consta em quadras de versos ordinariamente acompanhadas de música.

Ditrambo é uma espécie de hino para contar-se em banquetes e festins. Faz uso de versos em todas as medidas soltos ou rimados.

Cantata é uma espécie de poesia lírica em que se celebra os mais diferentes assuntos; tem duas partes: o recitativo e a aria. O recitativo narra em versos decassílabos e septenários, o assunto do poema. A ária contém as delicadas reflexões sugeridas pelo recitativo, em versos curtos de igual medida.

Lira é uma composição em versos decassílabos, ou destes misturados com outros de oito ou menos sílabas; ou ainda em versos pequenos da mesma medida uns com outros.

Epitalamo é a poesia que consta de louvores dos esposos e de votos formados pela felicidade dos que recebem em núpcias, composto em decassílabo solto, rimado ou combinado.

Poemeto é um pequeno poema composto em estilo jovial, em decassílabo solto. Pode também destinar-se a assunto mais nobre.

Trova é uma quadra insignificante de versos de oito sílabas, rimado o segundo com o quarto.

O gênero pastoril ou bucólico destina-se a cantar assunto e cenas risonhas da natureza, inocentes ocupações de seus habitantes naturais. Descreve o ambiente natural exatamente como ele é, apresentando somente o que há de simples, inocente e aprazível na vida pastoril. Os personagens desse tipo de composição, os pastores, só devem enunciar idéias, proferir comparações, usar de linguagem acomodada a sua cultura

intelectual. Este gênero subdivide-se em églogas e idílios. Há quem diga que a égloga é sempre um diálogo e o idílio um monólogo, outros dizem que tal distinção não existe.

O gênero elegíaco celebra a dor, a saudade, as lágrimas e o riso do magoado prazer. Elegia significa queixumes, e ela pede muita ternura, paixão, pureza e elegância. Ela propriamente dita tem por assunto um sentimento doloroso e compõe-se de versos decassílabos rimados alternadamente, terminando por um quarteto também rimado. São espécies de elegia: a elegia própria, a nênia, o epicedio, o epitaphio e a endeixa.

Nênia é um canto fúnebre junto a um túmulo.

Epicedio é uma poesia fúnebre que conta a história de vida e qualidade de um morto.

Epithafio ou lema é uma inscrição na sepultura.

Endeixa é uma poesia triste que descreve a dor e melancolia do coração que sofreu adversidade e mágoa.

O gênero didático é aquele que tem por fim fazer amar as ciências, as letras e as virtudes. Seu estilo é simples, por vezes florido, e seu metro o decassílabo solto. São quatro: poesia didática, epistolar, satírica e epigramática.

O poema didático desenvolve um assunto filosófico, científico ou literário. Neste é indispensável a ordem e o método, mas não de modo a excluírem os episódios e as descrições que formam o seu maior encanto. Os episódios devem ser ligados à ação principal de modo que pareçam naturais.

A poesia epistolar não tem estilo, recebe o diapasão do assunto e do caráter dos que se correspondem. Os poetas epistológicos gozam de ampla liberdade quanto ao metro, mas o bom gosto não sanciona epístolas entremeadas de prosa e verso.

Sátira é uma censura severa dos desvarios do espírito humano ou os vícios ridículos da sociedade. Tem como objetivo reformar os costumes. A sátira pode ser

peçoal, quando ataca um indivíduo; ou geral, quando ataca os vícios e ridículos da sociedade. Pode ser política, moral ou literária. O poema heroe-comico e a comédia são igualmente umas formas de sátiras graciosas.

Do gênero descritivo não há poema algum inteiramente descritivo, para que da descrição se possa fazer um gênero a parte; porém a descrição entra em todos os gêneros de composições poéticas.

A poesia descritiva admite toda sorte de versos. A descrição é o verdadeiro escantilhão que distingue o gênio original do talento meramente copista. O talento ordinário, ao descrever a natureza, é vago nas idéias que forma; suas expressões são fracas em geral. O poeta inspirado põe diante de seus leitores, o objeto inteiro sem lhe escapar nada de notável; pintando-o com suas cores naturais.

Para uma descrição ser considerada artística, o poeta deve evitar o emprego de circunstâncias comuns e lançar mão das que o oferecem novidade e originalidade, que fixem e prendam a atenção. É preciso retratar as feições de modo rigoroso e saliente, expressá-las com simplicidade e concisão, advertindo que as descrições alegres e risonhas podem ser prolongadas, visto seu merecimento não depender de força.

A escolha dos epítetos concorre para realçar a beleza da poesia descritiva; portanto, nada de fontes líquidas, de geadas brancas, de nuvens azuis; porque tais epítetos não acrescentam idéias novas às palavras que qualificam. Evite o poeta, por insípidos, os já trilhados e gerais, tais como a discórdia bárbara, a guerra sanguinolenta, as sombras opacas.

Poema épico ou epopéia é a narração poética de um efeito ilustre. Este feito deve ser tirado da história ou legenda. Três coisas são essenciais na composição de uma epopéia: ação, caracteres e narração. A métrica da epopéia é o verso heróico solto ou rimado. O poema épico pode ter um desfecho feliz ou infeliz.

O poema herói-cômico obedece a todas as regras da epopéia, embora seja a exposição de uma ação filha da fatuidade, ou de outro sentimento ridículo. O fim do poema herói-cômico é inspirar nos corações dos leitores o desprezo e a moda que merece a ação narrada.

Ao gênero dramático, pertence a representação direta de um fato real ou fictício, por meio de personagens que procedem e falam com verdade e verossimilhança. Divide-se em tragédia, comédia, melodrama, ópera séria e opera buffa.

Tragédia é a representação de uma ação grave e lastimosa praticada por pessoas ilustres. Seu fim é aperfeiçoar nossa sensibilidade virtuosa, e corrigir por meio do terror e da piedade das paixões desordenadas. Divide-se em atos e os atos em cenas.

Os atos podem estender-se até cinco. No primeiro, faz-se a exposição do assunto; no último, o desfecho ou peripécia; nos intermédios, os desenvolvimentos do mesmo assunto.

As cenas servem para marcar as entradas e saídas dos atores.

A *comédia* é a representação dos atos da vida ordinária. Ela é de caráter ou de enredo.

A comédia de caráter ou de costume propõe-se pintar e desenvolver um caráter particular. O enredo da ação tem pequena influência na peça.

A comédia de enredo tem por objeto principal o tecido embaraçado da ação da peça.

A verdadeira comédia deve ser mista. Ela pode ser pessoal ou geral.

O *drama* é uma espécie intermédia entre a tragédia e a comédia. Seus defensores antigos chamaram-lhe tragi-comédia, drama-satírico, comédia séria ou tocante e, seus adversários, comédia lacrimosa.

Seu fim principal é a representação de situações tocantes e que vivamente interessam, mas sem exclusão das alegrias e graciosidades que despertam o riso.

A *farsa* é uma pequena composição dramática destinada a fazer rir por meio de situações grotescas, devendo instruir e moralizar.

O *melodrama* é uma espécie de drama musical, devendo o verso ser cantado.

Considerações finais

Através da interdiscursividade, é possível observar que Brício Cardoso classificava os gêneros de acordo com os padrões gregos, mesclando as teorias e critérios da gramática filosófica de Jerônimo Soares Barbosa. A própria divisão em epigramático, lírico, pastoril, elegiaco, didático, descritivo, épico e dramático, já demonstra que ele estava atento às inovações propostas pela gramática filosófica, e os critérios de classificação não são bem explícitos. Daí, é lícito afirmar que a classificação dos gêneros, mesmo no século XIX, onde não existiam tantas teorias textuais, está relacionada com problemas de ordem ontológica e epistemológica, uma vez que implica noções da existência de universais e a sua natureza; da distinção e da correlação categoriais entre o geral e o particular; da interação de fatores lógico-invariantes e de fatores histórico-sociais nos processos de individuação; dos fundamentos e critérios das operações classificativas, etc.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Brício. *Tratado de Língua Vernácula*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

GALLY, Christianne. *Brício Cardoso no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, 2004.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. 8ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.